

“ENCONTRANDO CAMINHOS” NA CARTOGRAFIA SETECENTISTA

“FINDING PATHS” IN THE EIGHTEENTH CENTURY CARTOGRAPHY

“ENCONTRANDO CAMINOS” EN LA CARTOGRAFÍA SIETECENTISTA

Vinicius Sodré Maluly¹ – Universidade de Brasília - Brasília - Distrito Federal - Brasil
vmaluly@gmail.com

Resumo

O estudo da circulação territorial, para a pesquisa brasileira dedicada ao século XVIII, pode nortear o entendimento e a visualização da formação territorial que foi paulatinamente produzida a partir das extrações auríferas. Elas possibilitaram um fluxo demográfico e econômico que consolidou a presença brasileira além da fronteira impetrada pelo Tratado de Tordesilhas (1494), formando continuadas feições de urbanização que desencadearam uma rede urbana incipiente, alterando as características do processo colonizador português. Dessa miríade de facetas do século do ouro, as estradas e caminhos surgem como emblemas da espacialização ocorrida à época. Será problematizada a atividade das estradas e caminhos em detrimento de uma passividade técnica, superando uma função de mera interconexão entre arraiais e vilas, com ênfase na socioespacialidade dos fenômenos. Portanto, a relevância apresentada por uma abordagem de método geohistórico será destacada (por meio da leitura de mapas históricos e tratamento das fontes primárias a partir de ferramentas de geoprocessamento), oferecendo uma releitura aos métodos tradicionais da historiografia colonial brasileira.

Palavras-chave: Geografia Histórica, SIG, cartografia colonial, século XVIII.

Abstract

Studying territorial circulation, for the Brazilian research on the 18th century, can help provide an understanding and a visualization of the territorial formation that was produced gradually after the gold mine extractions. These made possible a demographic and economic flux that consolidated the Brazilian presence beyond the border established by the Tordesilhas Treat (1494), forming continuous features of urbanization that led to an incipient urban network, altering the qualities of the portuguese colonization process. From these varied aspects of the golden century, the roads and paths surged as spacialization emblems occurred at that time. The activity of such roads and paths will be inquired, on opposition to a technical passivity, overcoming the understanding of paths reduced to a mere function of interconnection between arraiais and vilas, with emphasis on the sociospatiality of these phenomena. Therefore, the relevance of a geohistorical method will be brought forward (by the interpretation of historical maps and the processing of primary sources using geoprocessing techniques), offering a renovation to the traditional methods of brazilian colonial historiography. Keywords: Historical Geography, GIS, colonial cartography, 18th century.

Resumen

El estudio de la circulación territorial, para la investigación brasileña dedicada al siglo XVIII, puede orientar en la comprensión y la visualización de la formación territorial que fue, progresivamente, producida a partir de las extracciones auríferas. Ellas hicieron posible un flujo demográfico y económico que consolidó la presencia brasileña más allá de la frontera definida por el Tratado de Tordesilhas (1494), formando los sucesivos talantes de la urbanización que desencadenó en una incipiente red urbana, alterando las características del proceso colonizador portugués. De esta miríada de facetas del siglo del oro, las estradas y caminos surgen como emblemas del espacio sobrevenido en la época. Será problematizada la actividad de las estradas y caminos en oposición a una pasividad técnica, superando una función de mera interconexión entre aldeas y villas, con énfasis en la socio-espacialidad de estos fenómenos. Por lo tanto, la relevancia presentada por un enfoque

de método geo-histórico será resaltada (a través de la lectura de mapas históricos y del tratamiento de las fuentes primarias a partir de técnicas de geo-procesamiento), ofreciendo una relectura a los métodos tradicionales de la historiografía colonial brasileña.

Palabras-clave: Geografía Histórica, SIG, cartografía colonial, siglo XVIII.

Introdução

A problemática a ser apresentada envolve temáticas postas em discussão de forma interdisciplinar, trabalhando diversas fontes primárias coloniais e uma base bibliográfica que possa dar o suporte necessário para que seja possível pesquisar, geográfico e historicamente, a circulação territorial aurífera específica ao século XVIII.

O tema de circulação é abordado por crer que nele é possível teorizar concretamente a respeito da formação territorial brasileira, já que a penetração territorial, empreendida ao longo de toda a história colonial, apresenta uma relação recíproca com a produção de caminhos e estradas. Na busca em atingir certas porções do território, caminhos eram produzidos com a contínua exploração do desconhecido. Em um segundo prisma, a espacialização produzida pelo recorrente uso das vias de acesso ao interior da colônia - a *hinterlândia* - consolidava a própria presença colonizadora nessas localidades. Quando determinado local deixava de auferir interesses aos exploradores (enviados da Coroa ou não), muitas das vezes os caminhos também subsistiam. Será apresentada, em seguida, uma *rede incipiente de caminhos* consolidados em fontes cartográficas da época. Haverá uma abordagem das zonas da colônia que foram regularmente reivindicadas pelos mais diversos interesses exploratórios e, simultaneamente, caminhos que possibilitaram esse processo.

Apesar de tratar, especificamente, de *fluxos* diversos, entrelaçados e dispostos segundo uma lógica geo-histórica determinada, não se deve deixar de reconhecer a necessária existência de *fixos* ao longo destes percursos.² Núcleos urbanos, registros, fortes, pousos, assim como obstáculos naturais de natureza hidrográfica, orográfica, entre outros, são essenciais para apreender a *totalidade* concebida até os setecentos. Neste trabalho, são fornecidos indícios de como tratar possíveis rotas de acesso, mas há ainda um vasto trajeto a se percorrer antes que seja possível propor uma acepção mais profunda e integral.

As fontes apresentadas são de ordem cartográfica, com aplicações e manuseios em *Sistemas de Informação Geográfica* (SIG), para poder

abordar a questão central deste trabalho: a espacialização de caminhos auríferos e o aprofundamento do território colonial. Este trabalho não quer se encontrar alheio às discussões recentemente articuladas tanto na Geografia quanto na História. Ao contrário, as recentes abordagens realizadas academicamente devem ser promovidas para que se revitalizem as questões levantadas a respeito da história colonial brasileira, sem abrir mão dos trabalhos tradicionalmente lidos e que são de suma importância para qualquer pesquisa neste âmbito.

O tema apresentado versa a respeito de caminhos auríferos localizados, principalmente, entre as capitânicas de Mato Grosso, Goyaz e Minas Geraes, nos setecentos. Este recorte espaço-temporal foi realizado por supor que a representação promovida pelos caminhos da circulação territorial objetiva-se nas atividades extrativistas de mineração que alteraram bruscamente o espaço colonial brasileiro. Se havia uma ocupação litorânea difundida nos primeiros dois séculos de colonização, com base na economia açucareira, a mineração provocou uma interiorização radical dos limites de nosso território, processo esse que já estava em andamento com a atividade pecuária ao longo dos séculos XVI e XVII (Moraes, 2000). Portanto, os aspectos tratados aqui são emblemáticos numa concepção processual da história. Não se mostra fiável uma análise do século XVIII alheia a ponderações gerais a respeito da formação territorial brasileira como um todo. Deve-se ter em mente que todos os empreendimentos dados à época estavam de acordo com as suas necessidades, em um panorama geopolítico, econômico, social e cultural inegável.

Foram escolhidos os caminhos das capitânicas de Mato Grosso, Goyaz e Minas Geraes por formarem uma interessante malha de entrecruzamentos, gerada a partir de uma exploração territorial dada de acordo com as disposições naturais encontradas ao longo do desbravamento. Em outras palavras, não foi necessariamente um projeto político posto em prática que fez surgir esse conjunto de rotas e vias, mas sim uma natural utilização dos recursos naturais. Assim, surgiu paulatinamente uma disposição urbana calcada nas próprias necessidades sociais da época (Queiroz, 2011). Mas, a par da questão de um projeto político idealizado pela metrópole para a colônia, grande parte dessas rotas foi sendo incorporada aos caminhos reais ou banidas ostensivamente de acordo com os interesses da Coroa (Straforini, 2007).

Abordar a aplicabilidade do SIG em fontes cartográficas é discutir a ilustratividade (ou não) da técnica e o quanto que ela nos possibilita superações. O uso da informática nas ciências humanas torna-se frágil quando utilizamos tecnologias inovadoras apenas para visualizar o que literariamente já está descrito. Ao mesmo tempo, é raro o trabalho que se inicia com um horizonte bem delimitado à sua frente. Isto não é uma questão particular ao SIG, mas é facilmente apropriada quando se está nesse debate (Gil; Barleta, 2015).

Nos casos que se apresentam a seguir não foi diferente. Ao aprofundar os trabalhos de georreferenciamento dos mapas, progressivamente foi sendo possível compreender não apenas o alcance que os caminhos tiveram em termos de distância, mas as interconexões estabelecidas entre as rotas. Trata-se, neste artigo, de um trabalho ainda embrionário, mas que se insere numa discussão muito anterior: a de que a urbanização do Brasil avançou em passos largos durante a colônia e radicalmente durante a mineração (Geiger, 1963; Costa, 2009). Os caminhos e os núcleos urbanos inerentes a eles demonstram o vigor dessa tese. O SIG será utilizado de forma a conceber essa espacialização de uma forma menos tradicional e com aplicabilidades técnicas recentes, dando espaço a interpretações e entendimentos que possam ir além do encontrado imediatamente na literatura e na cartografia.

Os caminhos geoprocessados

Foram trabalhados três mapas: *Mappa dos Sertões, que se comprehendem de Mar a Mar entre as Capitánias de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato-grosso, e Pará* (século XVIII); *Carta ou plano geographico da Capitania de Goyas* (1778); e *Mappa da Capitania de Minas Geraes, que mandou fazer o ilmo.exmo. senhor D. Antônio de Noronha governador e capitão genal. da mesma capitania* (1777).

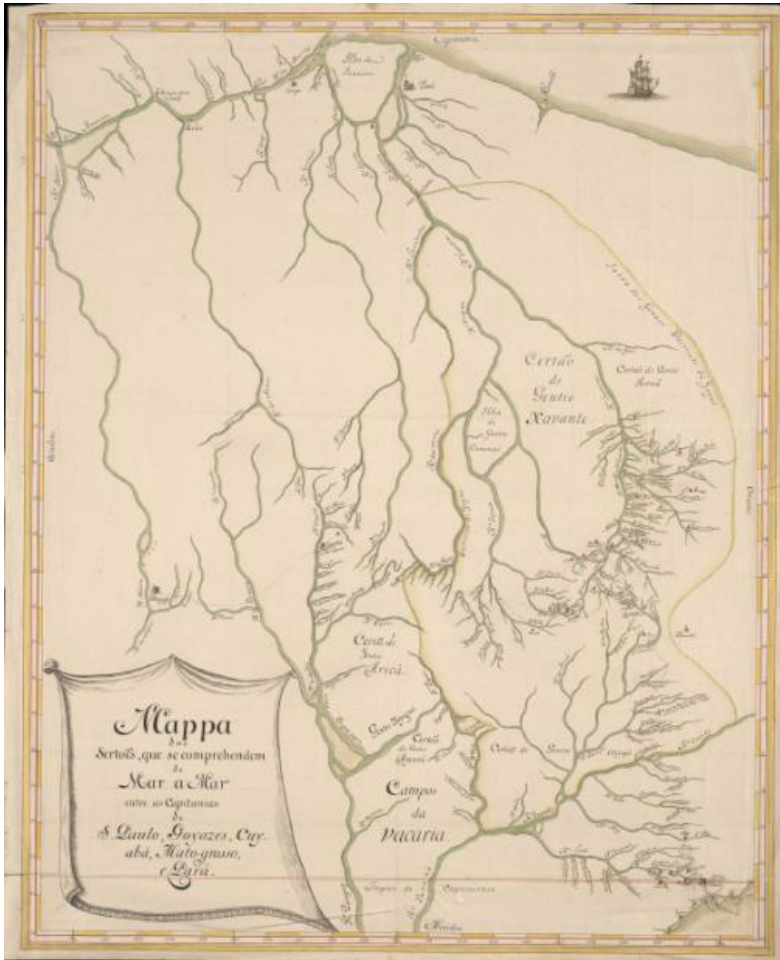


Figura 1- Mapa 1

Legenda: *Mappa dos Sertões, que se comprehendem de Mar a Mar entre as Capitancias de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato-grosso, e Pará*

Fonte: Biblioteca Nacional, Século XVIII.

O Mapa 1 (Figura 1) foi vetorizado a fim de melhorar a visualização com maior clareza as informações nele contidas fazendo uso do *software Inkscape*, apresentado enquanto Mapa 2 (Figura 2):

nos mapas. Se o autor indicou uma determinada curva sem dar alguma referência mais precisa a respeito do porquê desse desvio no trecho, não há indícios seguros para o reproduzir fielmente. Muitas das vezes, os desvios são dados por ordem geomorfológica, ao ter de contornar algum obstáculo orográfico mais acentuado, como uma serra, por exemplo. No Mapa 3 (Figura 3), portanto, destacamos a circulação apresentada pelo mapa:



Figura 3 - Mapa 3

Legenda: Geoprocessamento dos caminhos visualizados no *Mappa dos Sertões*, que se compreendem de Mar a Mar entre as Capitânicas de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato-grosso, e Pará

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Apresentamos mais uma produção cartográfica (Mapa 4 – Figura 4) e, ainda, a sua versão vetorizada (Mapa 5 – Figura 5):



Figura 4 - Mapa 4

Legenda: Carta ou plano geographico da Capitania de Goyas

Fonte: Arquivo Histórico do Exército (1778).

Seguiam caminhos desde os limites extremos ao oeste, em Vila Bela da Santíssima Trindade, passando por Cuyabá e se redistribuindo em Vila Boa e, principalmente, Meia Ponte. Em seguida, havia a possibilidade de ir até os portos da Bahia ou então aos de São Paulo e Rio de Janeiro, simbolizando um entroncamento efetivamente continental.



Figura 6 - Mapa 6

Legenda: Geoprocessamento dos caminhos visualizados na Carta ou plano geográfico da Capitania de Goyas

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Reproduzimos a cartografia seguinte (Mapa 7 – Figura 7) e a sua versão vetorizada (Mapa 8 – Figura 8):



Figura 7 - Mapa 7

Legenda: *Mappa da Capitania de Minas Geraes, que mandou fazer o ilmo. exmo. senhor D. Antônio de Noronha governador e capitão genal. da mesma capitania*

Fonte: Biblioteca Nacional (1777).

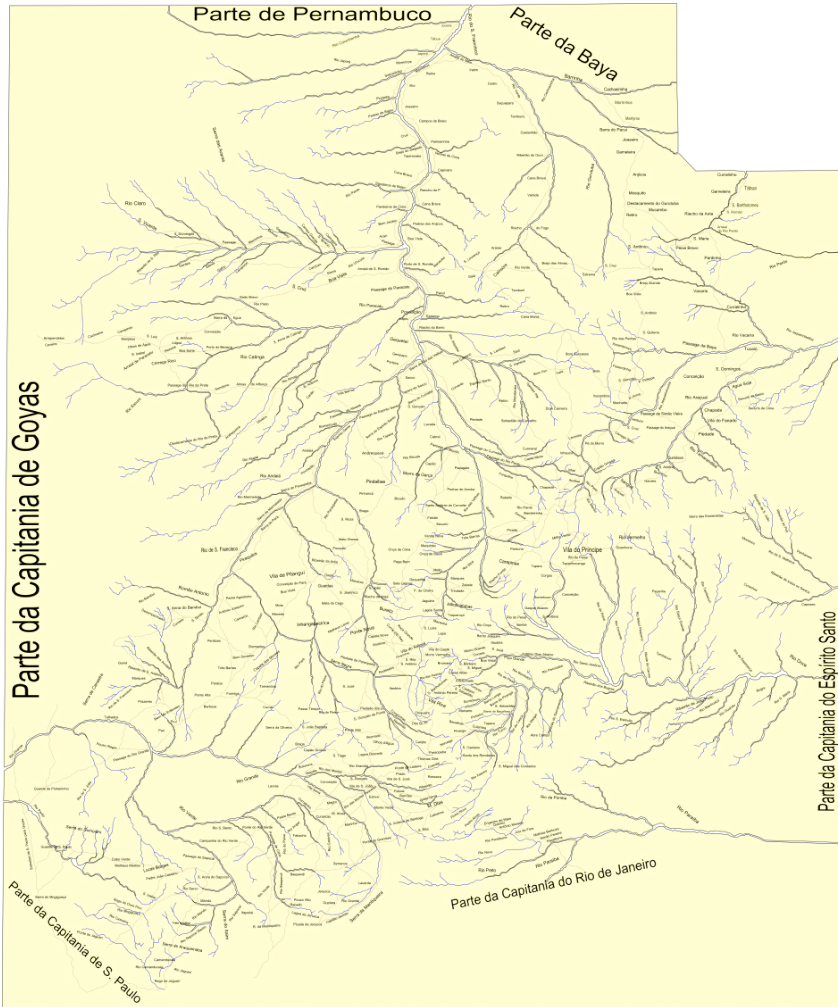


Figura 8 - Mapa 8

Legenda: Vektorização do Mapa da Capitania de Minas Geraes, que mandou fazer o ilmo. exmo. senhor D. Antônio de Noronha governador e capitão genl. da mesma capitania

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Assim como nos demais, também foram geoprocessados os caminhos presentes nessa fonte cartográfica com o uso do *software Quantum Gis* (Mapa 9 – Figura 9):



Figura 9 - Mapa 9

Legenda: Geoprocessamento dos caminhos visualizados no *Mappa da Capitania de Minas Geraes*, que mandou fazer o ilmo. exmo. senhor D. Antônio de Noronha governador e capitão genal. da mesma capitania

Fonte: Elaborado pelo autor (2017).

Sobreposição dos caminhos

Os mapas geoprocessados destacam apenas os caminhos identificados na cartografia setecentista de acordo com o objetivo deste trabalho, mas o restante das informações presentes nas fontes (como limites de capitania e de julgado, núcleos urbanos e rios, por exemplo) auxiliaram na definição das próprias rotas no *software*. Adiciona-se que, com a digitalização dos mapas, há a possibilidade de trabalhar diversos tipos de informação de acordo com o objetivo da pesquisa. Assim, uma fonte cartográfica pode alimentar entendimentos diversos a respeito de como se visualizava o espaço setecentista segundo a ótica do cartógrafo envolvido. Para a nossa proposta, os caminhos dos três mapas foram superpostos para que fosse possível compor um mapa-síntese (Mapa 10 – Figura 10), apresentados em sequência:

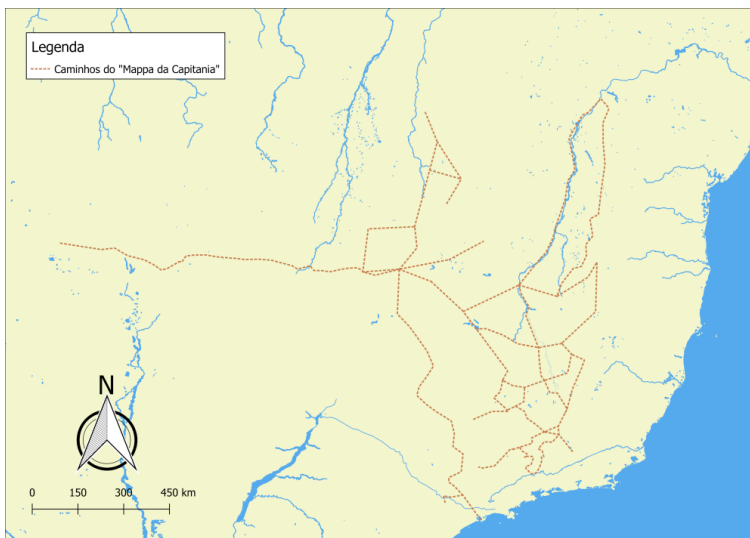


Figura 10 – Mapa 10

Legenda: Sobreposição dos caminhos destacados nos três mapas históricos

Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Apesar dos mapas individualmente apresentarem limites claros aos caminhos coloniais, tem-se o entendimento de que a circulação era dada como um todo, a depender das necessidades da exploração. Portanto, ao montar este mapa-síntese, integram-se os caminhos de acordo com as

conexões observadas no *limite* da fonte. Aqui é extrapolado o imediato para sugerir seus próprios desdobramentos, sem se desprender da cartografia e de suas propriedades.

Observa-se que o arraial de Meia Ponte e a Vila de Paracatu oferecem a interconexão entre os trechos que interligam os mapas. Ambos os núcleos urbanos são reconhecidos pelas pesquisas em Brasil colônia por suas posições estratégicas referentes aos movimentos promovidos durante a mineração e que perduraram ao longo dos séculos seguintes, mesmo com a queda da extração de ouro. Seriam, pois, cêntricos e polarizadores em referência aos caminhos terrestres.

Identificamos as localidades com marcadores vermelhos segundo as nomenclaturas cartográficas setecentistas. No Mapa 11 (Figura 11), destaca-se o enfoque:

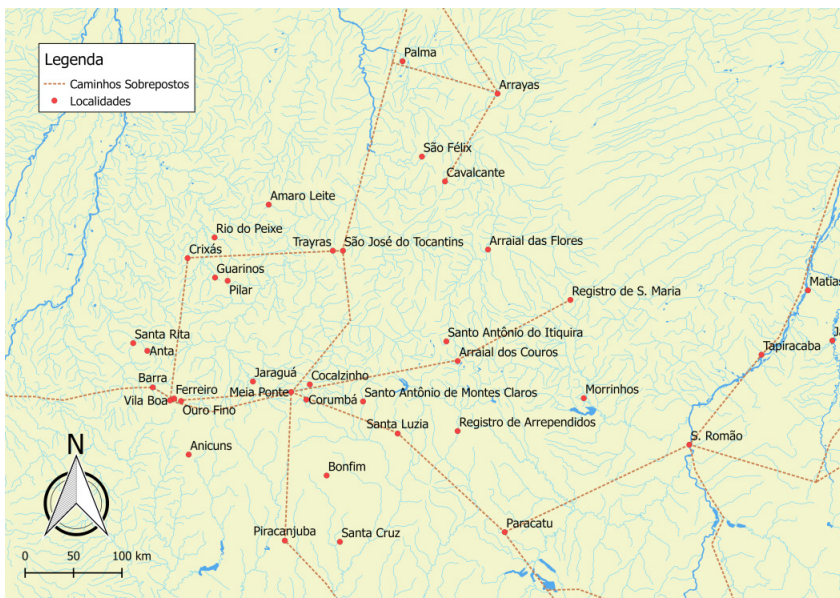


Figura 11 – Mapa 11

Legenda: Enfoque sobre a interconexão dos três mapas e referências cartográficas nominais

Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Conclusão

Este trabalho apresenta, como produto final, um mapa-síntese entre três fontes cartográficas coloniais que auxilia na compreensão das rotas coloniais enquanto uma *rede incipiente de caminhos* integradora do território setecentista. Esta formação espacial tem por origem majoritária a economia aurífera que aprofundou os limites da colônia a oeste, mas este alargamento teve durabilidade continuada mesmo após a queda extrativista. Os caminhos e suas disposições podem auxiliar na compreensão de por qual motivo a ocupação não recrudescer e retornou ao litoral, mantendo-se em terras não mais produtivas sob a ótica do ouro.

A pesquisa certamente aqui não se encerra pois foram trabalhadas apenas três fontes cartográficas e em uma área concentrada da colônia. A expectativa é a de que esta análise seja ampliada para outras porções do território e sobrepondo um número maior de cartografias, por meio do mesmo processo de digitalização dos mapas (com o uso da técnica da vetorização) e da subsequente reprodução dos caminhos de forma gráfica.

Por último, espera-se que o mapa-síntese produzido não forneça disposições exatas dos caminhos que interligavam as capitanias de Mato Grosso, Goyaz e Minas Geraes, mas aproximações factíveis desses, abrindo a possibilidade de um entendimento mais plural da circulação aurífera própria ao século XVIII. Há também rotas que não são apresentadas nas fontes (como a própria rota das Monções, vital para a expansão a oeste da colônia). Buscou-se elaborar um produto cartográfico em SIG com base na cartografia histórica e em um método geo-histórico que aproximasse discussões historiográficas, fontes documentais históricas e uma epistemologia geográfica adequada, fornecendo uma discussão renovada a respeito do tema.³

Notas

1 Mestrando em Geografia pela Universidade de Brasília (orientação do professor Everaldo Batista da Costa e co-orientação do professor Adriano Andrade), integrante do GECIPA (Grupo de Pesquisas [CNPq] Cidades e Patrimonialização) e pesquisador em Geografia Histórica e Cartografia pelo Atlas Digital da América Lusa (coordenação do professor Tiago Luís Gil).

2 Estas rápidas considerações a respeito dos fixos e fluxos estão mais bem dispostas na teoria do espaço geográfico de Milton Santos (2008, p. 83-94).

3 Este trabalho é fruto da pesquisa em andamento de Mestrado, financiada pela Fundação Capes (com vigência até dezembro de 2017).

Referências

ARQUIVO HISTÓRICO DO EXÉRCITO. *Carta ou plano geographico da Capitania de Goyas*. 1 mapa: desenho a nanquim e aquarela colorido, 57,5 x 89cm.

BERTRAN, P. *Formação econômica de Goiás*. Goiânia: Ed. Oriente, 1978.

_____. *História da Terra e do Homem no Planalto Central: eco-história do Distrito Federal*. Brasília: Universidade de Brasília, 2011.

BIBLIOTECA NACIONAL. Mappa da Capitania de Minas Geraes, que mandou fazer o ilmo. exmo. senhor D. Antônio de Noronha governador e capitão genl. da mesma capitania. 1 mapa: desenho a nanquim colorido, 89,2 x 34,5cm. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_cartografia/mss1033414/mss1033414.jpg>. Acesso em: 10 jun. 2016.

_____. *Mappa dos Sertões, que se comprehendem de Mar a Mar entre as Capitancias de S. Paulo, Goyazes, Cuyabá, Mato-grosso, e Pará. (Coleção Morgado de Mateus)*. 1 mapa: colorido, nanquim e aquarela, 62 x 50cm. Disponível em: <<https://bndigital.bn.br/artigos/mappa-da-capitania-de-minas-gerais-que-mandou-fazer-o-ilmo-exmo-senhor-d-antonio-de-noronha-governador-e-capitao-genal-da-mesma-capitania/>> Acesso em: 10 jun. 2016.

COSTA, E. *A dialética da construção destrutiva na consagração do patrimônio mundial: o caso de Diamantina (MG)*. 2009. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

GEIGER, P. *Evolução da rêde urbana brasileira*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos, 1963.

GIL, T. L.; BARLETA, L. Formas alternativas de visualização de dados na área de História: algumas notas de pesquisa. *Revista História*, n. 173, p. 427–455, 2015.

MORAES, A. C. R. Bases da formação territorial do Brasil: o território colonial brasileiro no “longo” século XVI. São Paulo: Hucitec, 2000.

QUEIROZ, P.R.C. “Caminhos e fronteiras”: vias de transporte no extremo oeste do Brasil. In: *Transportes e formação regional: contribuições à história dos transportes no Brasil*. São Paulo: FEA-USP, 2011, p. 63.

SANTOS, M. *Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia*. 6. ed. São Paulo: EDUSP, 2008. (Coleção Milton Santos).

STRAFORINI, R. *Tramas que brilham: sistema de circulação e a produção do território brasileiro no século XVIII*. 2007. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Vinícius Sodrê Maluly – Graduado em Geografia pela Universidade de Brasília e atualmente cursa o mestrado em Geografia pela mesma universidade.

Recebido para publicação em 13 de fevereiro de 2017

Aceito para publicação em 18 de abril de 2017